



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15653 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

CORPOGRAFIA SAPATÃO NA DOCÊNCIA E NA VIDA

Maria Lizandra Mendes de Sousa - UNEB - PPGED - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

CORPOGRAFIA SAPATÃO NA DOCÊNCIA E NA VIDA

1 ESCRITAS COM NÓS DE PÉS... BUSCAS INICIAIS

Sem nenhuma aspiração em buscar conclusões ajustadas e definitivas, este texto é uma tentativa de sentir os acontecimentos desordenados de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Educação e Diversidade, oferecido em uma universidade pública do Nordeste, onde, nos tropeços, encontram-se movimentos, caminhos e deslocamentos outros, com os enlaçamentos de um momento formativo-avaliativo tensionado pelo componente curricular “Pesquisa Aplicada à Educação I”, oferecido no referido programa.

Um passeio pelas incertezas, dúvidas e confusões de amostrar (por que não dizer também reinventar?) que para aprontar uma pesquisa imbricada é necessário pôr o corpo todo em (des)montagem, questionamos: como o momento formativo-avaliativo do referido componente forjam deslocamentos para pensar a questão de pesquisa imbricada com as experiências e o referencial teórico da pesquisa em desenvolvimento no PPGED? Em uma escrita encarnada pelo desejo – de rasurar o(s) cotidiano(s), a pesquisa, a academia, a ciência e os corpos – este estudo busca estabelecer conexões entre experiências e referencial teórico com a pergunta de pesquisa a partir de um conto autoficcional poético.

Recorremos ao conto autoficcional como caminho metodológico para dizer

da criatividade audaciosa de desprender-se de verdades absolutas e/ou únicas e mover-se em agenciamentos, processos, instantes e acontecimentos de um exercício de pensar-construir um ponto de vista contingente-dissidente. Os contos autoficcionais são criações enlaçadas em bagunças de possibilidades, licença criativa de uma escrita. Ao passo que pode se fazer um conto todo em primeira pessoa, também a escritora pode ser a narradora, e em fluxo, ser a personagem-narradora, tudo ao mesmo tempo. Ambiguidade, confusões intencionais (Izabel Fontes, 2015). Afinal, ninguém pode confiar de forma alguma em tudo que se lê. É preciso se deslocar, fazer parte do movimento de autoria.

Assim, o texto organiza-se da seguinte forma: além desta breve contextualização, na seção a seguir, encontra-se o conto autoficcional que conversa com o assunto que surge esta escrita e; após, aborda-se as considerações finais. Desejamos que as memórias que atormentam e alegram o corpo sapatão possam ganhar outros significados à medida que se entrelaçam com outras histórias, onde as paisagens geográficas vão também construindo imagens cognitivas, porque o corpo é territórios de memórias. A escrita imbricada aqui anuncia: epistemologia poética feminista lesbosapatão.

2 OS PÉS DE UMA CORPOGRAFIA SAPATÃO: QUE VERSOS FORAM ESCRITOS?

Meus pés estão cansados

há sangue neles.

Caminho sem pausa

repouso

descanso.

Minha busca nunca para,

chega ao fim.

Meus pés fedem

a violência.

A dor vai sendo

amenizada

na descoberta de outra sapatão.

Meus pés cheiram

angústia.

É um caminho árduo

mas não posso parar.

Se eu parar,

você vai continuar buscando

outra sapatão?

Quem se importa com

as nossas vidas a não ser nós mesmas?

Meus pés têm sabor

desejo intenso

de vivermos

permanecermos vivas.

Os seus pés têm

desejo de quê?

(Meus pés, Liz, 2024).

O s *flashes* e as fatias dos espaçostempos dos pés cansados, feridos e violentados movimentam sua corpografia pelo desejo de que nos instantes, naquilo que passou despercebido, nas brechas, nos pavimentos da geografia não cartografada e nos sentidos estáticos, reacendam possibilidades de encontrar outros corpos sapatão. São histórias não contadas, fragmentos dispersos pelo chão de concreto e memórias que se assemelham, ao passo que se distanciam. Os pés de uma corporalidade (ou de tantas outras) que insiste em buscar outros caminhos para narrar outras histórias, recorre a literatura, a poética e aos contos-cenas autoficcionais para atizar um outro modo, uma outra forma de escrever. Refletindo sobre os desejos dos seus pés, observa os episódios povoados nos/pelos lugares de experiência e percebe como as ausências se instalam como mecanismos-projetos que impossibilitam ver-sentir-falar em bando com outros corpos sapatão.

É quase em súplicas que os passos desejosos fazem-caminham na

esperança de encontrar esses corpos, e nessa vontade letal, que lateja o corpo, memórias vão sendo vasculhadas e revividas. Os pés pisam os concretos da escola de Educação Básica, principalmente nos mergulhos do Ensino Médio, no qual entre tantos outros corpos existentes havia um que era visto como estranho, mesmo seguindo as normas sociais. Os cabelos longos, as roupas que se padronizam em cores, tudo colado e em impossibilidades, os acessórios segmentados, as pinturas que entre as sombras e o batom vermelho criavam o fantoche perfeito para o entusiasmo normatizado, os calçados em sintonia com o esquecimento de movimentos confortáveis, não foram suficientes para ela não ser vista-chamada, mais tantas vezes, de estranha. O som das falas ressoava em toda a estrutura escolar e em especial, no corpo esconderijo.

Era mais uma tarde quente em que ela intensificava seu ritual de esconderijo, dessa vez para ir a aula de Educação Física. Tomou banho como quem tentava tirar do corpo uma tinta fixa e impossível de ser retirada, secou o corpo com a toalha de cor clara que a mãe comprou dizendo que era bonita e de menina. Vestiu a calcinha cheia de florzinha que ignorava e machucava sua virilha, colocou o sutiã que tampava o ar de circular, vestiu a farda para as aulas de Educação Física: uma camiseta branca justa e um short curto vermelho colado no corpo. Colocou as meias rosas e o tênis intitulado de “Pelo menos meus pés vão confortáveis”. Passou o perfume adocicado, o batom rosa e pediu para sua irmã fazer um rabo de cavalo no cabelo, afinal não conseguia fazer o penteado. Saiu e encontrou no caminho um colega de turma. Pararam em uma casa para esperar mais uma colega e a dona da casa disse: “Ela é sapatão, né?”

Parecia que o mundo tinha parado e tinha alguém com um microfone anunciando para o universo que ela era sapatão. Foi a primeira vez que ouviu essa palavra. Ficou olhando fixamente para a senhora tentando entender o significado, embora seu corpo que tremia sabia que o questionamento dizia de algo de si que deveria ser e permanecer escondido, invisível e indetectável. Na inocência, ela olhou para os pés pensando que tinha alguma coisa a ver com seu sapato, já que era um pouco maior que seus pés. O colega percebendo a busca por resposta disse ao corpo que tremia que a palavra se referia as meninas estranhas, esquisitas, ridículas, feias, nojentas que queriam ser homens, até mesmo se relacionando com outras garotas. Mas que ela não se preocupasse, porque a senhora se confundiu. Afinal, ela não era igual àquelas meninas machos. Pelo contrário, era normal, adequada e saudável.

Não conseguiu jogar futsal. Não conseguiu se concentrar na aula de Educação Física. Sua mente martelava o questionamento da senhora repetidas vezes, e cada vez tentava freneticamente se esconder. Estava inquieta, olhando para todos os lados. Quando alguém sorria, pensava que estava sorrindo dela. Era como se todas as pessoas presentes na quadra e fora dela estivessem apontando

o dedo e dizendo em alto e bom som: “Você é sapatão, nojenta, doente e ridícula, sapatão”. O dia foi povoado pelo empurrão no portão do seu esconderijo. Não conseguia entender os motivos daquela senhora ter perguntado se ela era sapatão, porque no fim das contas, dia após dia, ela seguia todo o ritual para esconder seu segredo: um segredo que pensava-sentia que era sujo, vergonhoso e impossível de ser-viver. Um segredo que precisava continuar escondido e trancafiado, cujas chaves tinham se perdido no alto mar da rejeição.

Passou a noite buscando indícios que pudessem justificar os motivos do questionamento da senhora. Primeiro, ela pensou que poderia ter sido pelo fato de sair para a escola no mesmo horário no intuito de ver-sentir um casal de meninas passando pela rua de mãos dadas. Depois, achou que era pelo desejo de querer ter a mesma coragem que uma garota que viu no centro da cidade de estar vestida- sendo quem se é e da forma como queria ser-vestir. Em seguida, supôs que era pela forma que olhava e tratava as meninas: sempre com carinho. Logo depois, imaginou que poderia ter sido pela vontade que tinha (e que sempre aumentava) de beijar meninas. Após, achou que deveria ser sido pelas coisas que escrevia em um caderninho pequeno em que escondida para ninguém pegar. No final, recomeçou, mais uma vez, a se odiar. Mesmo o segredo lhe sufocando, preferia odiar a possibilidade de ser sapatão.

No dia seguinte, numa tentativa de tirar toda a “sujeira” que seu corpo estava revelando demorou muito mais no banho. O ritual foi amplificado e não foi para a escola no mesmo horário que ia sempre. Ao chegar na escola alguns murmurinhos se alastravam pelas paredes de que uma senhora a chamou de sapatão. Algumas meninas se afastaram, outras faziam questão de reafirmar que a velha estava louca. “Como pode? Você ama meninos. E nunca viraria uma menina macho. Você não é doente”. Os meninos riam e a comunidade docente ignorava a situação. Passou o dia todo quieta. Olhava para um lado e para outro procurando alguém que também estava, mesmo sem querer, revelando sua estranheza e seus sentimentos. Pensou em conversar com alguma professora, porém desistiu porque nenhuma delas iria compreendê-la. Se ela já se sentia solitária, passou a se sentir um monstro no meio da normalidade.

Por dias reiniciou a culpa por ser a criança que foi um dia, visto que foi na infância que a estranheza se anunciou e, mesmo sofrendo consequências físicas e emocionais por ser uma criança estranha, não a rejeitou. Pelo contrário. Foi pela estranheza que brincou de ser livre, que fez do chão e da natureza seus amigos. Ela necessitava tensionar a culpa em alguém e acabou culpando a si mesma. Ela sentiu raiva da senhora, pois, no fim das contas, era verdade: ela era sapatão. Escondia-se para não perder mais nada e quando fechava os olhos as únicas coisas que visualizava se derrubasse o portão do seu esconderijo era dor, suicídio e assassinato, ou seja, não existia vida possível e segura para uma sapatão. E por

medo, vergonha e culpa em não querer perder mais nada, acabou se perdendo: perdendo o amor-afeto por si e ficando cada vez mais solitária.

Se ela tivesse encontrado o texto “O pensamento hétero e outros ensaios” de Monique Wittig (2022, p. 62) teria compreendido que “[...] o pensamento hétero desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos ao mesmo tempo”, de modo a universalizar os corpos, os desejos, os sonhos, os conceitos, as teorias e as práticas as tornando únicas, verdadeiras e possíveis em todos os espaços-tempos-lugares. Mesmo ela não tendo um nome para o que sentia toda vez que escondia, negava, rejeitava e odiava seu corpo-sentimento, percebia que não tinha outra possibilidade para viver a vida, pois tudo ao redor e o que aprendia sempre na família, nas escolas, nas rodas com as/os amigas/os, na igreja e em outros espaços que se fazia presente era um ritual de como ser uma excelente mulher.

São imagens projetadas e retroalimentadas por um regime estrutural social, política, cultural, econômica, linguística, acadêmica, científica e cotidiana que produz e se substancia pela universalidade de um modelo de vida único: a heterossexualidade obrigatória (Monique Wittig, 2022). Ela não conseguia visualizar uma existência possível sendo sapatão. Uma professora sapatão? Uma pesquisadora sapatão? Uma poeta sapatão? Viver sendo uma sapatão? Todos os questionamentos soavam para ela como impossível. Não tinha lugar na vida para ser sapatão! Ao ouvir o som da palavra sapatão, ela lembrava dos concretos da infância. Não queria ser vista como uma pessoa suja, nojenta e doente, porque todas as suas lembranças guiavam para o lado solitário de ser uma garota estranha. Não queria que a estranheza aumentasse e, com isso, criou o esconderijo para seu corpo: negá-lo como algo absurdo-inviável.

Depois de passar alguns anos, entre esconderijos e amplificação de querer ser, sim, sapatão, foi sendo sapatão. O que não podia fazer e movimentar em si nos espaços-tempos-lugares de antes, do que já aconteceu, nas impossibilidades dos pavimentos-concretos dos discursos e da rejeição cortantes do termo, ela faz no agora, no instante presente. A palavra que tanto a assustava já não ocasionava mais medo. Quem tem medo de sapatão? Os pensamentos-movimentos de Dayana Brunetto (2021) tensionam que o termo sapatão muito usado de forma pejorativa e violenta está sendo acionado pelos corpos em outras significações e discursividades para demarcar e atizar o convite de ter orgulho de quem se é. No entanto, existem ainda alguns rastros de traumas e dores em muitos corpos lidos socialmente como sapatão, especialmente, por não performatizar as receitas de como ser uma excelente mulher, que impossibilita o processo de acionamento do termo como uma potência-discórdia rasurante e ativa.

Quais são os sentidos que temos da corpografia sapatão? Logo, ela, a

garota estranha, reiniciou sua busca por outras sapatonas e ao chegar na Graduação, sua procura foi intensificada: queria encontrá-las nos textos dos componentes curriculares e como pesquisadora-professora. Não as viam. Elas não estavam lá. Parecia que era inadmissível ter pesquisadoras-professoras sapatão. A ciência e a docência não eram um lugar possível. Logo, foi sendo pesquisadora-professora sem ter nesse processo o contato e a relação com outras pesquisadoras-professoras sapatão. As ausências foram se mostrando cada vez mais violentas porque nos acontecimentos cotidianos compreendia que repensar um modo outro de fazer docência, bem como de pensar em outras pedagogias e epistemologias, se potencializariam na relação-conversa com outras pesquisadoras-professoras sapatão.

Nas ausências, começou a pensar que era impossível ser/ter professora sapatão. Ela tinha encontrado algumas nos textos, porém as que encontravam seguiam os padrões e estereótipos tidos, vistos e lidos como femininos. Tudo parecia turvo e improvável para a sapatão que saí, perturba, rasura e distorce os padrões e estereótipos femininos, assim como a própria ideia de gênero como construção social. Mesmo não conhecendo os pensamentos-movimentos de Judith Butler (2003) sobre performatividade entendia que existiam corpos que se movimentavam em performatividades, repetindo estruturas sociais aceitas ou não e, assim, rasurando essas próprias repetições. Ela compreendia que o corpo sapatão era essa potência performativa rasurante que desmontam as masculinidades e as feminilidades, desestabilizando a própria categoria de gênero. Ela, então, questionou em navalha: onde estão os corpos sapatão em vida?

Ela queria ver-sentir os corpos sapatões em outros lugares, a exemplo da docência. Não queria repetir as histórias de dores e assassinatos em que esses corpos são submetidos. Queria ouvir outras histórias: histórias possíveis, bonitas, de encantos, de amores, de sonhos e de vida. Quais são os lugares sociais outros que a sapatão ocupa? De que maneira são tratados esses corpos? Quais são as narrativas que não foram escritas sobre o corpo sapatão? Por que recorrer a literatura para falar de corpos sapatões? O que o corpo sapatão deixa de falar quando fazem parte da academia? Quais são as linguagens do corpo sapatão que são paradas/barradas/apagadas no portão da universidade? Como trazer uma narrativa que preencha as lacunas do não pensando, visto e sentido sobre o corpo sapatão? Quais são as histórias lindas-interessantes de corpo sapatão que não estão registrados nos textos acadêmicos?

Sentido que a dor vai sendo amenizada na descoberta/encontro com outro corpo sapatão, ela se aprofundava em mais questionamentos: Como ver-sentir um corpo sapatão? Qual lente usar para ler corpo sapatão? Como teorizar o corpo sapatão? Como transformar o termo sapatão em um dispositivo teorizante? Corpo sapatão é estranho para quem? Como o corpo sapatão de professoras-

pesquisadoras se colocam/ocupam as instituições de ensino superior? Como pensar à docência e a diversidade a partir do corpo sapatão de professoras-pesquisadoras? O que causa, atravessa e rasura a presença do corpo sapatão docentes em sala de aula? Que saberes-fazeres-sentires coexistem na relação lesbianidade-docência? Como as experiências desse corpo podem construir pedagogia(s) sapatão implicada com epistemologias poéticas? O que pode corpo sapatão vigiado num espaço-tempo-lugar de uma escola de Educação Básica e do/no Ensino Superior?

Figura 1 – Os pés em desejo de estar em vida, buscando vida



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Os pés continuam buscando e se encantando com cada encontro em vida de corpos sapatão que ocupam os espaços formativos/educativos como docentes, pesquisadoras, gestoras. Reconhecendo que esses corpos sapatão representam perigo para a heteronormatividade, ela derruba o portão da pós-graduação em Educação, e no encontro com outras sapatão novas perguntas de pesquisas borbulham em sua mente inquieta: Quais são os pensamentos-movimentos produzidos pelo corpo sapatão no ensino, na pesquisa, extensão, gestão universitária, e na vida? Quais saberes próprios esses corpos mobilizam na relação docência-lesbianidade-vida? Que episódios experienciados podem atirar o corpo sapatão como dispositivo teorizante? Como teorizar corpos sapatão sem cair nas armadilhas da universalização e do essencialismo?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o conto autoficcional, percebemos que as conexões entre questão de pesquisa com as experiências e o referencial teórico em uma pesquisa

no campo da Educação é atravessada pelos deslocamentos que o corpo cheio de certeza apegada vai realizando na poética do questionamento: sou mesmo um corpo com certezas apegadas? Quando se vê, está na frente do espelho buscando essas certezas apegadas. Elas não estão lá e no seu lugar, carrega-se incertezas, incógnitas, anseios e desejos múltiplos sonorizados por nós, e não pela clavícula do “eu”. Reeditar as lentes, recusar as convicções e dançar na poética: ca-mi-nhos.

Compreendemos que o corpo desmancha à vida. Desnuda e despe a colonialidade. O corpo convoca para sermos presença-vida-rente naquilo que ousamos escrever, ler, pesquisar e co-construir. O corpo é, sim, político. O fazer científico é, sim, político. Temos, pois, um corpo político que realiza uma ciência política. O corpo sapatão exige se colocar na pesquisa. Exige rasurar as normas estáticas de fazer ciência. Somos corpos em busca cotidiana de saberes-justiças guiados pelas lentes da desobediência. Um convite. Uma confissão de ser-em-si e ser-para-si. Corpovivo, pesquisa desobediente. Assim, convidamos vocês a questionarem: o que pode vir a ser um corpo sapatão? O convite exige movimentar o termo-corpo sapatão com todos os sentidos, não somente com a visão.

REFERÊNCIAS

BRUNETTO, Dayana. **A narrativa sapatão em disputa: identidade e atitude sapatão**. Curitiba: UFPA, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FONTES, Izabel Santa Cruz. Autoficção, memória e trauma histórico em “Uma fome”, de Leandro Sarmatz. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018523>. [S.L.], n. 52, p. 50-65, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/Nqkhbt6bNtFHsdPJCpZb5jN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 jul. 2024.

LIZ. **Meus pés**. Salvador, 2024 [Poema não publicado].

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

Palavras-chaves: Corpografia; Sapatão; Docência; Conto autoficcional.